



O romance metafísico a escrita literária em Simone de Beauvoir

Metaphysical romance: literary writing in Simone De Beauvoir

Karla Cristhina Soares Sousa ¹

Resumo: A ideia de escrita engajada no mundo constituiu o pilar do projeto existencialista beauvoiriano. Da literatura à filosofia, passando por seus textos de memórias, verificamos que expressar a experiência vivida era um dos seus objetivos. Sua carreira de escritora inicia na literatura, e será neste gênero que iremos nos debruçar para compreender a perspectiva de escrita. A ideia de romance metafísico como possibilidade de um gênero que movimenta uma descoberta viva tanto para autor, como para o leitor, será o ponto de sustentação de sua perspectiva de escrita romanesca. Para termos acesso de uma forma mais didática a essa análise dividimos o texto nas seguintes partes: primeiramente, faremos uma introdução; em segundo momento, apresentaremos a ideia da moral da ambiguidade, seguida da ideia de escrita como ação desveladora do ser, e, portanto, uma escrita ambígua; em quarto momento, faremos um apontamento sobre a história da metafísica; adiante, trataremos do primeiro romance metafísico: *A convidada*; e, por último, as considerações finais.

Palavras-chave

Escrita. Literatura. Filosofia. Existencialismo.

Abstract: The idea of writing engaged in the world constituted the pillar of the Beauvoirian existentialist project. From literature to philosophy, passing through his memoir texts, we found that expressing the lived experience was one of his goals. Her writing career begins in literature, and it will be in this genre that we will look to understand the perspective of writing. The idea of the metaphysical novel as the possibility of a genre that moves a living discovery for both the author and the reader, will be the support point of his perspective on novel writing. In order to have access to this analysis in a more didactic way, we divided the text into the following parts: first, we will make an introduction; secondly, we will present the idea of the moral of ambiguity, followed by the idea of writing as an unveiling action of the being, and, therefore, an ambiguous writing; fourthly, we will make a note on the history of metaphysics; later, we will deal with the first metaphysical novel: *The guest*; and finally, the final considerations.

Keywords

Writing. Literature. Philosophy. Existentialism.

¹ Este trabalho faz parte de minha pesquisa do doutorado realizada no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFBA, com título provisório *A escrita e método em Simone de Beauvoir*, financiada pela FAPESB.

1. Introdução

Simone de Beauvoir (1908 – 1986) foi uma escritora francesa que participou ativamente do movimento existencialista. A única mulher do movimento existencialista dos anos 40, construiu uma perspectiva de escrita que refletia rigorosamente o ponto principal dessa filosofia: a liberdade e engajamento como fundamento do humano. Ler e escrever sempre foram as paixões que movimentaram a existência de nossa escritora. Os livros sempre fizeram parte da vida e educação da jovem Simone, que se construiu como uma leitora compulsiva, ao ponto de na fase adulta receber o apelido de “castor” pelos colegas de curso da Sorbonne. Os livros eram uma certeza de felicidade assegurada diante de toda castração moralista da educação burguesa oferecida as jovens da época. Mesmo com todos os olhares vigilantes da família, principalmente, o controle excessivo da mãe, Beauvoir acessou importantes autores da tradição, como: André Gide, Proust, Lucrecio, Diderot. Nossa escritora escolheu a prática da escrita para o projeto de engajamento da liberdade, realizada de forma totalmente presente na ação do escrever. Fez deste o seu projeto existencial, como afirma em seu último texto de memória *O Balanço Final*:

Era na aprendizagem do escrever que essencialmente minha liberdade estava engajada. Não se tratava de ascensão tranquila, semelhante à que me levava à licenciatura em filosofia, mas um esforço hesitante: marcando passo, recuando, fazendo progressos tímidos. (BEAUVOIR, 1982, p 29)

Escrever era uma forma de contribuir para a recriação do homem, para uma nova moral. Orientando-se por essa perspectiva, os romances tomam um papel inicial de extrema relevância nesse projeto, pois acreditava que este gênero superava todos os outros no quesito de expressar a experiência concreta. Dessa forma, a problemática do nosso trabalho envolve as seguintes questões: O que é escrever para Simone de Beauvoir? O que é escrever literatura? Filosofia e Literatura são divergentes? Existe alguma ligação desses dois gêneros que mobilizou um caminho diverso para a produção de seus escritos?

Já sabemos que nossa escritora assume a liberdade como pressuposto existencial, corroborando neste ponto com as discussões do existencialismo, colocando-se enquanto *existente* sempre num processo de desvelar-se, que aqui assume como um *não-lugar* que percorre da vida de nossa escritora à sua forma de escrita, numa *nadificação* das formas (pre)existentes, ou seja, de toda moral pré-estabelecida: o *nada* do relacionar-se com outro, o *nada* do fazer político, o *nada* do romance, o *nada* do fazer filosófico. O *nada* torna-se um lugar de produção da liberdade, um lugar que favorece a transcendência, e, assim sendo, de produção de subjetividades autênticas. Nadifica-se os significados preestabelecidos para abrir possibilidades futuras.

Portanto, este trabalho tem como objetivo pôr em parêntese a escrita de Simone de Beauvoir, com intuito de demonstrar o início do percurso empreendido pela escritora na constituição de suas investigações. Compartilhamos da compreensão de leituras como as da psicanalista e filósofa Julia Kristeva, Alejandra Castillo, Teresa Pardina, as quais entendem a escrita beauvoiriana como ferramenta hermenêutica de si, e que, assim, proporcionou uma revolução dentro do campo do saber e da prática. Segundo Kristeva

(KRISTEVA, 2019 p 11), Beauvoir realizou com sua escrita e vida uma revolução antropológica no campo do social, pois conseguiu não apenas explicitar os dramas da condição feminina, mas os converteu em urgência política. Na perspectiva do fazer romanesco, Kristeva, assinala que “o romance de Beauvoir, se é que ele pode ser considerado um estilo, parece para sua escritora uma reconstrução de si, uma autoanálise, uma mensagem social mais do que uma ‘obra de arte’” (Ibid., 2019, p 40). Na mesma direção aponta Alejandra Castillo (CASTILLO, 2017, p 28) quando apresenta Beauvoir como antifilósofa, destacando que a “filosofia” beauvoiriana se situa numa posição ambígua, pois seu fazer filosófico estar nem fora, nem dentro da filosofia, realizando um fazer distanciado que evidencia uma originalidade. E, por último, evidenciamos a leitura da filósofa espanhola Teresa Pardina (PARDINA, 1992, p 621) que defende a escrita beauvoiriana como uma hermenêutica do compromisso, uma filosofia moral que refletiu sobre o mundo e seu tempo.

Visto isto, e reforçando a leitura de Castillo, optaremos em chamar a Simone de Beauvoir de antifilósofa² neste trabalho, ao invés do título de filósofa tradicional, pois este a própria recusou expondo em suas memórias sua visão avessa ao mesmo, e veremos ao final deste trabalho que de fato é um título inadequado, se compreendermos o termo filósofo como aquele que elabora sistemas de mundo. Beauvoir não se dedicou numa definição da questão de um método do fazer literário ou filosófico, e entendemos que esta não era uma agência para seus objetivos intelectuais, haja vista que compreende a verdade como situada no mundo, e não num corpo de ideias. A experiência é metafísica, o contato com o mundo antecede qualquer pensamento, por isso a experiência teve em seus escritos um valor único, e foi fundante de toda estrutura de seu pensamento.

Acreditamos que existe um caminho percorrido dos escritos literários aos escritos filosóficos que evidência uma hermenêutica da experiência, e que favorece uma investigação filosófica singular no movimento existencialista, pois a visualizamos como possibilidade de abertura para novos objetos de investigação na práxis filosófica, como por exemplo: a condição feminina, e a velhice. Iremos apresentar neste trabalho apenas o início desse caminho percorrido por Beauvoir: os escritos literários.

Para conseguirmos nosso objetivo, dividimos o texto nas seguintes sessões: inicialmente apresentaremos uma introdução do existencialismo e da filosofia moral; em segundo momento, apresentaremos a ideia da escrita como ambiguidade; em terceiro momento, faremos um apontamento sobre a história da metafísica, com intuito de perceber o que diferencia a ideia da metafísica no existencialismo, bem como na ideia do romance metafísico; e, por último, do primeiro romance metafísico publicado por nossa escritora, *A convidada* (1943).

² Es este sentido, ser filósofa implicaria, forzosamente, salir de la disciplina. Es por este éxodo auto-impuesto que Beauvoir puede ser retratada, simultaneamente, como filósofa y antifilósofa a la vez. Bajo este prisma, no habría un desacuerdo em torno a su escritura. La antifilosofía sería un afuera paradójico de la filosofía. Ni dentro, ni fuera. Exitimé, uma íntima exterioridade, habría dicho Jacques Lacan. (Ibid., 28)

2. O existencialismo e a filosofia moral da ambiguidade

O conceito de ambiguidade perpassa toda a obra beauvoiriana, e encontra-se bem desenvolvido no ensaio *Por uma moral da ambiguidade*, que teve seu início em 1945, elaborado a pedidos de Albert Camus³ para publicação em uma coleção da época. O contexto do movimento existencialista francês foi os anos 40 na França, marcados pelo evento caótico da Segunda Guerra Mundial, que mobilizou discussões em temas como: a condição humana, a morte, a finitude humana, ação, liberdade, responsabilidade, autenticidade e opressão. Liderado por Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Merleau-Ponty e Albert Camus, o existencialismo têm como preceito principal a ideia de que a existência precede a essência, a compreensão da realidade humana como liberdade, como fala Sartre em *O ser e o nada*:

A realidade humana é livre porque não é o *bastante*, porque está perpetuamente desprendida de si mesmo, e porque aquilo que foi está separado por um nada daquilo que é e daquilo que será. E, por fim, porque seu próprio ser presente é nadificação na forma do “reflexo-refletidor”. O homem é livre porque não é si mesmo, mas presença a si. O ser que é o que é não poderia ser livre. A liberdade é precisamente o nada que é tendo sido no âmago do homem e obriga a realidade-humana a fazer-se em vez de ser. Como vimos, para a realidade-humana, ser é escolher-se: nada lhe vem de fora, ou tampouco de dentro, que ela possa receber ou aceitar. Está inteiramente abandonada, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se ser até o mínimo detalhe. Assim, a liberdade não é *um* ser: é o ser do homem, ou seja, seu nada de ser. (SARTRE, 2011, p 545)

A liberdade para o existencialismo francês confunde-se com o próprio ser do homem, não é algo a ser alcançado fora ou exterior, pois é a própria condição da humanidade do homem, é o que o diferencia dos objetos no mundo. Enquanto os objetos são construídos para uma finalidade específica, o homem é lançado no mundo sem nenhuma justificção de sua existência *a priori*, o que dar ao homem a responsabilidade por suas ações, já que não existe nenhuma alma, natureza ou essência que justifique sua existência, esta será justificada por seus atos, por seu engajamento no mundo, e ao realizar esse movimento o homem escolhe um modelo de homem e de mundo, o que o faz também responsável por toda humanidade.

A ideia do homem como condenado a ser livre recebeu inúmeras críticas, o que fez os pensadores do movimento existencialista refutá-las a partir de defesas que objetivou esclarecer melhor os posicionamentos das teses dessa filosofia. Simone de Beauvoir foi uma dessas, escreveu boa parte de seus textos ensaísticos tendo essa motivação, sendo *Por uma moral da ambiguidade* um desses textos. Neste a escritora visava combater às críticas vinda dos marxistas Henri Lefebvre e Pierre Naville, Mournin, que acusam o existencialismo de ser uma filosofia niilista, miserabilista, desesperada, frívola.

³ Nesse inverno, Camus me pediu, não sei mais para que coleção, um estudo sobre a ação; a acolhida dada a *Pyrrhus et Cinéas* me encorajava a retornar à filosofia. Por outro lado, quando lia Lefebvre, Naville, Mounin, eu tinha vontade de lhes responder. Comecei a trabalhar, então em parte contra eles, em *Por uma moral da ambiguidade*. (BEAUVOIR, 2009a, p 78)

Objetivando uma defesa à ideia de liberdade e ação que são os pilares desse movimento, o ensaio em questão é uma reflexão assaz importante também para a compreensão da leitura beauvoiriana de mundo, do seu modo de escrita e método. Dividido em três partes e conclusão, inicia com uma epígrafe citando o filósofo moderno Michel de Montaigne⁴ no ensaio *De como filosofar é aprender a morrer*: “A vida não é por si nem bem nem mal ela é o lugar do bem e do mal conforme o fazeis...”. A referência ao filósofo moderno não é arbitrária, pois a ideia da moral da ambiguidade compreende que os valores da ação não são dados *a priori* dentro do projeto existencial. Portanto, não temos nem bem, nem mal antes da ação.

Para a moral existencialista todo indivíduo tem pretensão de se afirmar como sujeito, isso se dar na medida que este se coloca no mundo através de projetos, como uma transcendência do presente rumo ao um futuro, como uma liberdade completa, alcançando a liberdade pela sua constante superação em vista de outras liberdades, a existência presente só se justifica por uma expansão ao um futuro indefinidamente aberto.

Assim sendo, é a ambiguidade que caracteriza a condição humana, pois a existência se constrói a partir da ação, e toda “ação deve ser vivida em sua verdade, isto é, na consciência das antinomias que comporta” (BEAUVOIR, p 105). “O fracasso e o êxito são dois aspectos da realidade que inicialmente não se distinguem” (BEAUVOIR, p 105). Ambiguidade, portanto, se diferencia da ideia de absurdo, pois enquanto esta recusa toda moral, negando um sentido para existência, aquela busca fundamentar a moral, assumindo-a como sentido da existência. Dessa forma, o existencialismo se definirá como uma filosofia da ambiguidade, pois desde Kierkegaard até Beauvoir, buscou evidenciar a ambiguidade como principal característica da condição humana.

3. Uma escrita da ambiguidade

Em corolário a tese de que a ambiguidade é característica da condição humana, a escrita que é uma ação de desvelamento do ser, será, portanto, também uma ação ambígua. Os gêneros de escrita tomados desse modo não terão limites específicos, o que levará Beauvoir a não distinguir finalidades na escrita filosófica e literária. Como coloca Grau.

Uno de los modos que adopta su proyecto global o la “elección global”, su escritura, es la anulación de los límites de esas formas de concebir y sentir el tiempo y de referirlo distintivamente a través de las palabras. Simone de Beauvoir, en el despliegue de su proyecto de escritura, intentará lograr la supresión de los muros entre filosofía y literatura. A su juicio, el lenguaje de lo universal presente en la filosofía y el lenguaje de las particularidades de la vida expresada en la literatura no consiguen por sí mismos expresar la totalidad de la condición humana. Y esta condición, que constituye el interés predominante de la filósofa, es pensada existencialmente y le exige encontrar un lenguaje para su cabal comprensión. (GRAU, 2016, p. 13 – 14)

⁴ Criador do que conhecemos pelo gênero de ensaio pessoal.

A verdade do mundo encontra-se no seio deste, não em um céu eterno. Assim, o homem será visto como o ser metafísico, pois para o existencialismo a metafísica não se encontra fora do mundo, dada em um sistema. As formas de escritas, literária e filosófica, terão o objetivo de fazer refletir a verdade do mundo, a partir do mundo concreto. É a experiência que estará no centro dessa reflexão.

Las dos pasiones de Beauvoir, la filosofía y la literatura, se encontrarán no solo en la lectura ardiente y vertiginosa de textos literarios y filosóficos, sino también como escrituras rebasadas por la pensadora en sus propios límites. Sus textos filosóficos contendrán siempre alusiones a la vida concreta de las existencias humanas y, curiosamente, ejemplos de acciones y de modos de relacionarse serán tomados de la vida real o de las obras de ficción escritas por otros, materiales que al parecer considera equivalentes si son capaces de decir la existencia. En la equivalencia de esos distintos órdenes (lo vivido y lo ficcionado) vemos una clave significativa para entender la condición filosófica peculiar de la escritura de Simone de Beauvoir, incluso más allá de su propio reconocimiento como filósofa. (Ibid, p. 18)

Tanto a escrita literária, como a filosófica, mesclará os modos de construção, pois o intuito será de exprimir a existência em sua totalidade. Por isso, compreendemos que Beauvoir encontra-se num *não-lugar* da escrita romanesca e filosófica, pois estas por uma leitura tradicional, são respectivamente, a literatura como expressão do mundo concreto, temporal e singular; e a filosofia como expressão de uma universalidade; A autora nega qualquer escolha de reter apenas um destes aspectos da nossa condição, mas sugere conciliar a fim de dar conta da totalidade, o que ocasiona de modo positivo uma construção de escrita ambígua. Para termos acesso a ideia de romance metafísico como esse não-lugar de escrita romanesca, iremos retomar a história da metafísica dentro da filosofia, a fim de averiguar qual é a diferenciação da posição do existencialismo à tradição filosófica.

4. Apontamentos sobre a metafísica

Em *Literatura e Metafísica* (1962), Beauvoir fundamenta o que define como romance metafísico, colocando-nos diante da compreensão do significado de metafísica a partir do existencialismo. Entretanto, para termos acesso a esse entendimento crítico que o existencialismo propõe à explicação tradicional da Metafísica, faz-se necessário apresentar uma pequena história de significados divulgados pela filosofia sobre a Metafísica. Para Abbagnano (2007, p. 661), *metafísica* define-se como uma:

[...] ciência primeira, por ter como objeto o objeto de todas as outras ciências, e como princípio um princípio que condiciona a validade de todos os outros. Por essa pretensão de prioridade (que a define), a metafísica pressupõe uma situação cultural determinada, em que o saber já se organizou e dividiu em diversas ciências, relativamente independentes e capazes de exigir a determinação de suas inter-relações e sua integração com a base num fundamento comum.

Visto assim, destaca que “a metafísica se apresentou ao longo da história sob três formas fundamentais diferentes: 1ª como teologia; 2ª como ontologia; 3ª com gnosiologia” (Ibid., p 661). Como teologia, ‘consiste em reconhecer como objeto da Metafísica o ser mais elevado e perfeito, do qual provêm todos os outros seres e coisas do mundo” (Ibid., p 661), por exemplo, a metafísica de Plotino, Spinoza, Hegel, e Bergson,

pois todas consideram uma “bipartição da realidade em um domínio superior e privilegiado e outro inferior e derivado” (Ibid., 662). Portanto, “todas as formas de espiritualismo ou consciencialismo tendem, mais ou menos claramente, para uma metafísica teológica”.

A Metafísica como ontologia, é ciência do ser enquanto ser, podemos encontrar, desse modo, nas filosofias de Duns Scot, Wolff e D’Alembert. Para este último, a Metafísica seria mais próxima da terra e de nós, favorecendo assim, uma construção de nova metafísica. E por último, a Metafísica apresentou-se como gnosiologia, expresso pela filosofia kantiana como “um estudo das formas ou princípios cognitivos que, por serem constituintes da razão humana, e cujo exame, é possível extrair os princípios gerais de cada ciência” (Ibid., p. 665).

Abbagnano destaca ainda que houve uma continuação da metafísica kantiana, por parte da ontologia fenomenológica de Husserl, com a diferença que este último “não considerava os princípios muito gerais que seriam constituintes da razão em geral, mas os princípios que constituem o fundamento de determinados campos do saber, de uma ciência ou de um grupo de ciências, chamados, portanto, de materiais” (Ibid., p 665). Em corolário, teremos a ontologia de Heidegger radicalizando a fenomenologia para recolocar o problema da ontologia, tomando o homem como lugar privilegiado para manifestação do ser. Esta interpretação vai influenciar os filósofos do existencialismo francês. Dito isto, podemos dividir a metafísica a partir de dois grupos: os que compreendem a metafísica como um sistema abstrato e intemporal, como o sistema de Platão, Aristóteles, Spinoza e Leibniz; e os que compreendem a experiência metafísica como temporal e singular, como Kierkegaard e o filósofos do existencialismo. Veremos a seguir melhor a perspectiva do segundo grupo.

4.1 O homem como ser metafísico

Heidegger numa aula inaugural pública em 1929, ao assumir a cátedra de Filosofia em Freiburg como professor ordinário - na ocasião, substituindo o filósofo e professor aposentado Edmund Husserl - pronunciou uma palestra intitulada *O que é Metafísica?*, na qual defende que “toda questão metafísica somente pode ser formulada de tal modo que aquele que interroga, enquanto que, esteja implicado na questão, isto é, seja problematizado” (HEIDEGGER 1989, p 35). Portanto, a metafísica para o filósofo alemão é “o perguntar além do ente para recuperá-lo, enquanto tal e em sua totalidade, para a compreensão” (Ibid., p 43). Assim, a metafísica deixa de ser vista como uma disciplina filosófica e passa a ser compreendida como pertencente à natureza do homem. Seguindo na mesma linha de perspectiva teremos os filósofos existencialistas franceses.

Merleau Ponty, no ensaio chamado *O metafísico no homem*, destaca o seguinte:

Há metafísica a partir do momento em que, cessando de viver na evidência do objeto - seja o objeto sensorial ou o objeto da ciência - apercebemos indissolivelmente a subjetividade radical de toda nossa experiência e seu valor de verdade. Nossa experiência é nossa. Isto significa que ela não é a

medida de todo ser em si imaginável, mas que, entretanto, é coexistência a todo ser de que possamos ter noção. (MERLEAU, 1980, p 187)

A metafísica, por esse prisma, é compreendida a partir da experiência do homem no mundo, não como um conjunto de conceitos que idealizam e objetivam essa experiência. Tendo como propósito “descrever o paradoxo da consciência e da verdade, da troca e da comunicação, paradoxo onde vive a ciência que o reencontra sob o aspecto de dificuldades vencidas ou fracassadas a reparar, sem nunca tematizá-lo” (Ibid., p 118). Portanto, a consciência metafísica não possui outros objetos além daqueles da experiência cotidiana.

Seguindo essa compreensão, Beauvoir entende a metafísica como uma atitude metafísica, e não como sistema, ou uma forma abstrata. Fazer metafísica é ser metafísico. A verdade do homem não se encontra num céu abstrato, ou vindo de um ser distante, encontra-se antes nele mesmo. É a partir do homem, e do seu mundo, que teremos acesso a sua verdade. Destarte, levanta como pauta uma possibilidade de divulgar e interpretar essa experiência por meio dos textos de literatura, reafirmando um desmonte desse monopólio apenas pela filosofia. Vejamos melhor essa ideia no item que segue.

5. Sobre o romance metafísico: *a convidada*⁵

Para concretizar a defesa do romance como meio de divulgação dessa experiência, Beauvoir coloca-se num *não-lugar* do romance tradicional, pois propõe que o romance seja uma aventura vivenciada tanto pelo autor, quanto pelo leitor, uma descoberta viva de si. O valor e a dignidade do romance serão pautados pela possibilidade dessa descoberta que os dois participantes dessa aventura farão. Beauvoir (1962) afirma que o bom romance abrirá espaço para efetuar experiências completas e inquietantes tanto quanto a experiência vivida. A discussão é de extrema importância para uma hermenêutica da obra beaivoriana, pois a pensadora inicia sua carreira de escritora pela literatura, e percorre a partir daí um caminho até os ensaios que não dissocia as possibilidades das duas formas para realização de uma hermenêutica de si, resignificando, portanto, o que entendemos por filosofia e literatura.

Beauvoir qualifica o romance de metafísico, reafirmando a compreensão do que significa metafísica para o seu existencialismo. Como já vimos, ela assume a metafísica como uma atitude, e não como sistema exterior ao mundo. Diz-nos.

[...] sobre a relação do romance e da metafísica: em primeiro lugar, a metafísica não é um sistema; não se faz metafísica como se faz matemática ou física. Na realidade, fazer metafísica é ser metafísico,

⁵ Esta discussão foi realizada em texto apresentado no VIII Seminário Nacional de Língua e Literatura/ VI. Seminário Internacional de Língua e Literatura, em 2020. A referência da publicação dos anais: SOUSA, K. C. S.; OLIVEIRA NETO, W. P. A NIVOLA COMO PRECURSORA DO ROMANCE METAFÍSICO: UM DIÁLOGO SOBRE LITERATURA ENTRE MIGUEL DE UNAMUNO E SIMONE DE BEAUVOIR. In: VIII Seminário Nacional de Língua e Literatura/ VI. Seminário Internacional de Língua e Literatura, 2020, Passo Fundo, RS. Anais do II Seminário Internacional de Língua e Literatura. Passo Fundo, RS: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2020.

é realizar em si a atitude metafísica que consiste em pôr-se na sua totalidade em face da totalidade do mundo. (BEAUVOIR, 1965, p 90)

Corroborando assim com a perspectiva merleau-pontiana sobre a metafísica fazer parte do homem, conduz-nos para uma leitura da relação entre filosofia e literatura como convergentes, e, dessa maneira, sem objetos e modos de expressão distintos, ou hierárquicos, pois o pensamento não é mais entendido antes da experiência. Questionando-se onde situa-se a verdade do mundo, na concretude da terra, ou na eternidade, leva-nos a verificar que só há uma realidade, e é no mundo que as questões aparecem. Portanto, assume a literatura como um modo de expressar a experiência, bem como os ensaios.

O romance metafísico “se esforça para apreender o homem e os acontecimentos humanos nas suas relações com a totalidade do mundo” (Ibid., p 94) abrindo espaço para uma nova escrita que compreenda a ambiguidade da condição humana. Diz Beauvoir:

Honestamente lido, honestamente escrito, um romance metafísico provoca uma descoberta da existência de que nenhum outro modo de expressão poderia fornecer o equivalente; longe de ser, como se pretendeu por vezes, um desvio do perigoso do gênero romanesco, parece-me, pelo contrário, na medida em que é conseguido, a realização mais perfeita pois se esforça por apreender o homem e os acontecimentos humanos nas suas relações com a totalidade do mundo [...] (Ibid., p 94).

O primeiro romance metafísico publicado por Simone de Beauvoir foi o texto *A Convidada*, em 1943. Estruturado em dois partes, formando ao total 18 capítulos: 8 capítulos na primeira parte; e 10 capítulos no segundo momento. A escrita desse texto foi iniciada em outubro de 1938, e finalizada no princípio do verão de 1941, tendo como curiosidade a informação de seu rascunho inicial ter sido recusado pela editora Gallimard com justificativa de ter sido mal construído e sem brilho no conjunto⁶. Este romance com traços autobiográficos⁷, têm como enredo principal a história de um triângulo amoroso experimentado pelas personagens Françoise, Pierre e Xavière, que, respectivamente, na experiência concreta, seriam: Simone de Beauvoir, Jean-Paul Sartre e Olga Kosakiewicz. A obra, inclusive, é dedicada à Olga KosaKievicz.

A vivência livre dos afetos se destaca no romance como uma possibilidade concreta contra os enclausuramentos dos afetos vivenciados numa moral burguesa. Contudo, o

⁶ Sartre disse-me uma tarde que iria passar por Gallimard e pediria notícias de meu manuscrito. Esperei-o no Dôme, trabalhando sem grande impaciência. O livro fora recusado. Brice Parain achava-o mal-construído no conjunto e sem brilho nos pormenores. “Tentaremos outro editor”, disse-me Sartre, que recomendou o manuscrito a Grasset. Eu me desiludi a custo no momento, mas talvez o fracasso tenha contribuído para me afundar no marasmo. O que estava escrevendo não era de muita ajuda: a narrativa da infância e da adolescência de Françoise nem sequer me convencia. (BEAUVOIR, 2009, p 291.)

⁷ “Nossos amigos irritavam-se ou achavam graça, e todos se espantavam com a relevância que uma menina tinha para nós. Explicava-se primeiramente pela qualidade de Olga. À medida que me inspirei nela para compor a personagem de Xavière em *A convidada*, fi-lo desfigurando-a sistematicamente.” (Ibid., p 217)

“Adotei habitualmente o ponto de vista de Françoise, a quem emprestei, através de importantes transposições, minha própria experiência.” (Ibid., p302.)

ponto chave deste romance é o conflito no encontro das consciências, bem como o reconhecimento da alteridade. Na epígrafe, Beauvoir lembra-nos do filósofo Hegel quando diz que toda consciência tem por objetivo a morte de outra (BEAUVOIR, 1963). Esta referência mostra-nos bem a problemática que envolve o romance metafísico *A convidada*: a experiência conflituosa com o outro. Uma problemática que envolverá toda a obra da Simone de Beauvoir, tantos em reflexões éticas, como políticas. Vejamos como Beauvoir entende essa relação com a alteridade.

(...) Só há presença do outro se o outro é ele próprio presente a si; isso significa que a verdadeira alteridade é a de uma consciência separada da minha idêntica a ela. É a existência dos outros homens que tira o homem de sua imanência e lhe permite realizar a verdade de seu ser, realizar-se como transcendência, como fuga para o objeto, como projeto. Mas essa liberdade alheia, que confirma minha liberdade, entra também em conflito com ela: é a tragédia da consciência infeliz; toda consciência aspira a colocar-se como sujeito soberano. Toda consciência tenta realizar-se reduzindo a outra à escravidão. Mas o escravo no seu trabalho e no seu e no seu medo sente-se, ele também, como essencial e, em virtude de uma reviravolta dialética, é o senhor que a ele se apresenta como inessencial. (BEAUVOIR, 2009b, p 207-208)

A discussão da alteridade neste contexto perpassa pela ideia do eu hegeliano que quer a qualquer custo aniquilar o outro, tornar-se sujeito soberano. A alteridade é experimentada num conflito de consciência, “um drama que pode ser resolvido pelo livre reconhecimento de cada qual pondo, a um tempo, a si e ao outro como objeto e como sujeito em um movimento recíproco” (Ibid., p 208). Em *A Convidada*, esse conflito aparece a partir desse entrelaçamento das personagens que compõem o romance. Françoise e Pierre parecem viver um relacionamento de reconhecimento ético recíproco, até o ponto de serem considerados uma consciência só, una, indivisível, sem distinção de subjetividades, como vai mostrar-nos na seguinte passagem:

-Não se pode falar de fidelidade, ou de infidelidade entre nós – disse Pierre, atraindo Françoise contra o peito – Tu e eu formamos um só. É verdade: ninguém pode definir-nos, um sem o outro.

- Graças a ti – disse Françoise

Tomou nas mãos o rosto de Pierre e cobriu-lhe de beijos as faces, onde o cheiro do cachimbo se confundia com um perfume inesperado e infantil, de doceira. ‘Formamos um só’, repetia mentalmente. Na verdade, enquanto não o contasse a Pierre, nenhum acontecimento era verdadeiro: flutuava, imóvel, incerto, numa espécie de limbo. Outrora, quando Pierre a intimidava, Françoise conseguia desta forma pôr de lado muitas coisas: pensamentos baixos, gestos irrefletidos. Se não falasse deles com Pierre era como se não tivesse existido. (Ibid., p 23)

Contudo, a chegada da personagem de Xaviere, desestrutura esse falso reconhecimento ético, fazendo emergir vários questionamentos sobre as possibilidades de uma experiência ética-amorosa. Vejamos no diálogo de Pierre e Françoise.

Pierre fixou-a, com ar sério.

- Simplesmente, não quero que essa mania censurável me leve a estragar as nossas relações.

- Mas tu já disseste há pouco: isto não estragaria nada.

- Não estragaria nada de essencial. O caso é que, quando estou inquieto por causa dela, sou negligente para contigo; quando a olho, não te vejo a ti. Pergunto a mim próprio – disse, com uma voz ansiosa – se não faria melhor em parar com essa história. Afinal, não é amor o que sinto por ela. É uma espécie de superstição. Se ela resiste, eu teimo, mas se estou certo de vender, o caso tornar-se-me

indiferente. Se decidir nunca mais a ver, estou certo de que, um minuto para o outro, deixarei de pensar no caso. (Ibid., p. 171)

Pierre e Françoise tomavam Xaviere como objeto de desejo. A entrada da personagem Xaviere na narrativa é angustiante, pois ela aparece no romance como outra consciência, subestimada por Pierre e Françoise, mas que ora ocupa o lugar de sujeito de vontade, colocando em perigo de desmoronamento da relação inicial do casal. Na fala de Pierre, percebemos uma posição de sujeito soberano quando sugere para Françoise uma ruptura com Xaviere, pois segundo a personagem, não era amor o que sentia, mas sim um capricho. O romance vai se estruturando a partir desse mal-estar existencial que é o encontro com o outro, este outro que é também ontologicamente liberdade.

É relevante destacar que o romance *A Convidada* não é um romance de tese⁸, não era o objetivo aplicar as teorias filosóficas nas experiências divulgadas no texto, mas oferecer uma aventura reflexiva, o que irá inaugurar o gênero chamado “romance metafísico” – já definido anteriormente. Os romances metafísicos são *não-lugar* nos romances tradicionais, pois não respeitam a construção tradicional romanesca. A hermenêutica do texto é produzida pelo escritor e pelo leitor, ninguém termina ileso depois de tocar um romance metafísico.

Considerações finais

Visto dessa forma, concluímos que o romance metafísico proposto por Beauvoir, abre perspectivas para objetos novos nas investigações filosóficas, pois as formas construídas não visam especificar uma forma de fazer numa criação de sistemas, mas sim, de buscar expressar a verdade da condição humana, que é constituída pela ambiguidade.

O instrumento de escrita ambígua aparece visando abarcar a totalidade da existência com todas suas especificidades, portanto, apesar de Beauvoir considerar o romance como uma forma mais acessível para tal empreendimento, ela não desconsidera o fazer filosófico para tanto, mas se posiciona num *não-lugar* para recriá-lo, e abrir novos caminhos. Não existe um posicionamento hierárquica dos gêneros, mas um objetivo comum: expressar a experiência concreta.

⁸ Blanchot, em seu escrito sobre o “romance de tese”, explica muito bem que é absurdo censurar a uma obra o fato de apresentar algumas coisas; mas há uma grande diferença, acrescenta, entre significar e demonstrar; a existência, diz ele, é sempre significante ainda que nunca prove coisa alguma; o objetivo do escritor consiste em mostrá-la recriando-a com palavras; ele a trai, ele a empobrece se não lhe respeita a ambiguidade. Blanchot não coloca *A convidada* entre os romances de tese, porque o fim permanece em aberto; não há como tirar dele uma lição qualquer; ele classifica, ao contrário, nessa categoria *O sangue dos outros*, que chega a uma conclusão unívoca, reduzível a máximas e a conceitos. Estou de acordo com ele. Mas o defeito que denuncia não se prende às últimas páginas do romance: é-lhe inerente do princípio ao fim. (BEAUVOIR, 2009, p 483)

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BEAUVOIR, Simone de. Literatura e metafísica. In: _____. *O existencialismo e a sabedorias das nações*. Trad. Manuel de Lima; Bruno da Ponte. Lisboa: Minotauro, 1965.
- BEAUVOIR, Simone de. *A Convidada*. Trad. Vitor Ramos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963.
- BEAUVOIR, Simone de. *A força da idade*. Trad. Sérgio Milliet. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BEAUVOIR, Simone de. *A força das coisas*. Trad. Maria Helena Martins. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009a.
- BEAUVOIR, Simone de. *Balanço Final*. Trad. Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009b.
- CASTILLO, Alejandra. *Simone de Beauvoir: Filósofa, antifilósofa*. 1ª ed. Adrogué: La Cebra, 2017.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Sens et non-sens*. Paris: Les Éditions Nagel, 1966, 5e édition, Collection: Pensées, 1966.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O metafísico no homem*. In: Merleau-Ponty. São Paulo: Nova Cultural, 1989.
- SOUZA, K. C. S.; OLIVEIRA NETO, W. P. . *A Nivola como precursora do romance metafísico: um diálogo sobre literatura entre Miguel Unamuno e Simone de Beauvoir*. In: VIII Seminário Nacional de Língua e Literatura/ VI. Seminário Internacional de Língua e Literatura, 2020, Passo Fundo, RS. Anais do II Seminário Internacional de Língua e Literatura.. Passo Fundo, RS: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2020.
- KRISTEVA, Julia. *Beauvoir presente*. Trad. Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019.
- GRAU, Olga (coord). *Simone de Beauvoir en sus desvelos: Lecturas feministas*. Santiago: LOM, 2016.
- SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. Trad. Paulo Perdigão. 20 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- PARDINA, María Teresa López. *La hermenéutica existencial en Simone de Beauvoir*. Tese. Teoría del conocimiento e Histcria del pensamiento. Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 1992.
- HEIDEGGER. Martin. *O que é metafísica?* In. Heidegger. São Paulo: Nova Cultura, 1989.